

## A bússola mariateguiana e a questão indígena

Carmen Susana Tornquist<sup>1</sup>

### Resumo:

Na sua proposição acerca do problema do índio, com a qual abre o segundo capítulo de “Sete ensaios de interpretação da realidade peruana”, em 1928, José Carlos Mariátegui diz que ela deve ser pensada como fundamentalmente um problema da terra, e não como uma questão étnica, como, a seu ver, esta temática vinha sendo pensada naquele contexto. Esta comunicação pretende argumentar que a tese defendida por José Carlos Mariátegui para pensar a realidade peruana, no início do século XX, segue sendo atual e urgente. Para tanto, trata de caracterizar, em linhas gerais, a trajetória do autor, a luz do tempo histórico que viveu, e como a questão indígena se colocava naquele momento. Para pensar os atuais conflitos vividos pelos povos indígenas no Brasil, propomos que seja tomada a máxima mariateguiana como a principal orientação de análise, ou seja, como uma bússola orienta o viajante em seu percurso.

Palavra-chave: Mariátegui – problema indígena – Brasil

De todos sus peligros, se va salvando América. Sobre algunas repúblicas, está durmiendo el pulpo. Otras, por la ley del equilibrio, se echan a pie a la mar, a recobrar, con prisa loca y sublime, los siglos perdidos. (José Martí)

José Carlos Mariátegui é considerado por muitos autores como sendo o primeiro marxista latino-americano, não obstante tenha sido banido, por algumas décadas, do campo do comunismo oficial, representado pela III Internacional e pelo stalinismo. Uma das razões pela qual o periodista peruano teria sido banido do campo de reflexão crítica e revolucionária no nosso continente teria sido a forma criativa e original com a qual ele interpretou a realidade latino-americana, tendo por base o Peru e a presença da população indígena neste contexto. Sobre este aspecto, reporto a análise de Michael Löwy (1999, 2006) um dos principais entusiastas e divulgadores de Mariátegui, considera que ele foi o primeiro marxista latino-americano digno desta denominação, posto ter aplicado o método de Marx <sup>2</sup> à análise de uma realidade concreta – e distinta

---

1 Professora do Programa de Pós Graduação em Planejamento e Desenvolvimento socioambiental. Pesquisadora do LUTE – Grupo de estudos Lutas sociais, trabalho e educação UDESC

2 E isto em um contexto histórico em que boa parte das obras de Marx e Engels ou não haviam sido publicadas, e, ainda superando limites lingüísticos, pois muitas não estavam vertidas para a língua materna de Mariátegui.

das sociedades do capitalismo central, e, neste sentido, superando a dicotomia que tem marcado o pensamento latino americano (ai incluído o marxista), situado entre o excepcionalismo e o eurocentrismo, sendo justamente este um dos principais pontos de sua originalidade e inventividade:

“O marxismo na América latina foi ameaçado por duas tentações opostas: o excepcionalismo indo-americano e o eurocentrismo. (...) estas duas tentações são estritamente antagônicas e contraditórias, mas levam paradoxalmente, a uma conclusão comum: a de que o socialismo não esta na ordem do dia”. Mas foi o eurocentrismo que, mais do que qualquer outra tendência, devastou o marxismo latino-americano.”(LÖWY, 1999).

Outro aspecto, além desta capacidade de leitura da realidade latina americana está relacionado com uma tipologia, proposta por Löwy e Sayre, na qual Mariátegui figuraria como um exemplo do romantismo anticapitalista. Tendo os devidos cuidados para ao tomar esta tipologia de forma mediada, e não rígida, ela contribuiria para a análise de diversos movimentos (artísticos, políticos; sociais) que expressaram e expressam reações ao advento do capitalismo e da modernidade, num espectro que envolveria posturas conservadoras e outras, radicais e revolucionárias, nas quais estaria o romantismo revolucionário ou utópico.<sup>3</sup> Seria nesta corrente, da qual fariam parte várias ramificações de pensamentos ou movimentos; entre as quais o romantismo marxista, originada de certas obras ou reflexões de Marx e de Engels, como as que tratam do populismo russo, e da qual Mariátegui seria um dos expoentes, entre vários outros autores (Löwy, 1993:73). No caso do romantismo revolucionário mariateguiano a articulação de elementos essenciais do marxismo (luta de classes, revolução social, papel do proletariado como classe universal emancipatória) se articula com a postura comum a sensibilidade romântica; que é uma postura de descontentamento face ao presente e uma valorização do que foi perdido, de um passado pré capitalista. Estes elementos se expressam no *ayllu*; forma comunitária de produção e reprodução da vida na qual estaria presente, também, uma forma de valorização daquilo que chamamos,

---

3 A proposta destes autores se ancora no conceito de visão de mundo (*Weltanschauung*) enquanto “estrutura mental coletiva, compartilhada por certos grupos sociais”, cujas expressões podem ser diversas e ultrapassam delimitações históricas excessivamente rígidas.

hoje de “natureza”, Mãe terra ou Pachamama, absolutamente distinta da forma com que o capitalismo concebe os recursos naturais e a relação com estes. Mariátegui diz:

“As comunidades baseiam-se na propriedade comum das terras em que vivem e cultivam e preservam, por pactos e os laços de consangüinidade que unem entre si as diversas famílias que formam o ayllu. As terras cultiváveis e pastos que pertencem a todo o ayllu, ou seja, o conjunto das famílias que formam a comunidade. (...) cada família possui um pedaço de terra que cultiva, mas que não pode vender porque não lhe pertence: é da comunidade” (Mariátegui, apud Löwy, 1999: p.111)

Em razão de uma série de acontecimentos que sucederam a morte precoce de Mariátegui, sua obra foi ora invisibilizada ou ignorada, ora reinterpretada de formas bastante diversas. No caso do Brasil, praticamente desconhecida. Entre estes acontecimentos, merece destaque, justamente, a leitura eurocêntrica e o dogmatismo e universalista a esta associado, da qual fala Löwy, que predominou no campo marxista, produzida na região, que foi segundo este autor, rompida com a Revolução Cubana, que rompe com o primado da leitura empobrecida das realidades nacionais, presente na análise de Mariátegui sobre o Peru, e recoloca a unidade intrínseca entre luta de libertação nacional e revolução socialista. A revisitação de obra de Mariátegui acontece, assim, somente nos anos de 1960, tanto por parte de autores europeus, como Robert Paris e Alberto Melís, como na própria América latina, se temos em mente o campo marxista. Neste, há varias denominações que buscam atentar para a pertinência, singularidade e atualidade de seu pensamento, como marxismo aberto ou heterodoxo, mas as expressões não devem ser tomadas literalmente, pois envolve uma questão central que se refere ao método de análise proposto por Marx e a respeito do qual a ortodoxia deve ser observada. Neste sentido, Mariátegui, ao recorrer ao bom uso do método dialético, teria chegado a conclusões politicamente heterodoxas, naquele contexto.<sup>4</sup> Mais recentemente, também há um processo de revisitação de sua obra desde os chamados *estudos decolonias* ou pós-coloniais, que vêem em Mariátegui a expressão pioneira de uma perspectiva não-eurocêntrica. Não obstante considere instigante e importante este tipo de abordagem, penso que a maior contribuição de Mariátegui, na atualidade – como a sua época – situa-se no campo do marxismo – intrinsecamente

---

<sup>4</sup> Este é o argumento desenvolvido por Silvana Ferreyra(2011).

vinculado com as lutas em prol da superação do capitalismo – com a qual o próprio autor esteve sempre comprometido. E é neste diapasão que este texto pretende seguir.

### **Mariátegui no Brasil**

Acreditando que o pensamento de Mariátegui é ainda uma chave crucial para pensar em uma Revolução contra a ordem burguesa na América latina e no Brasil, e também ciente de que seu pensamento é, ainda, bastante desconhecido no Brasil, passo a apresentar um pouco do seu pensamento, tendo por foco o *problema indígena*<sup>5</sup>, elaborado no início do século passado, para depois, a luz dos dilemas atualmente vividos pelos indígenas no Brasil, hoje, atualizar as suas principais constatações. Tenho como base empírica para percorrer este caminho uma pesquisa realizada junto aos mbya guarani da Terra Indígena Morro dos Cavalos, centrada no seu movimento de resistência e de luta pelo reconhecimento territorial.<sup>6</sup>

É lamentável que Mariátegui seja tão pouco conhecido no Brasil ao contrario do que se passou em outros países da América Latina. Se bem que é certo ter sido sua obra – e sua trajetória - alvo de um projeto deliberado de invisibilização entre as décadas de 1930 e 1960, também é correto afirmar que sua recuperação nos anos 60, no contexto da Revolução Cubana (quando são feitas edições populares dos *Sete ensaios*) e; logo a seguir, no âmbito do Congresso de Sinaloa, em 1980 permitiu que suas idéias fossem recolocadas no campo do pensamento crítico, tanto na América latina quanto em outras partes do mundo, tardia, mas com consistência e com consequência. (Beigel, 2007, Löwy, 1999 e 2009, Quijano, 2007).

Sobre o apagamento e sobre o desvirtuamento da obra de Mariátegui nas três décadas que separam sua morte da recuperação do marxismo revolucionário dos anos 1960, no campo do marxismo, deve-se considerar um conjunto de aspectos, com destaque a hegemonia estalinista sobre os partidos comunistas de um modo geral. O alinhamento dos PCs de modo geral, e o PCB, especificamente, à linha oficial do PCUS e da III Internacional explica em grande medida este silenciamento, já que foram eliminadas

---

<sup>5</sup> Utilizo ao longo do texto, propositalmente, a expressão problema indígena para reportar ao título do primeiro capítulo de *Sete ensaios sobre a realidade peruana*, mas poderia identificar este problema como a “questão indígena” ou a “causa indígena”, formas com a qual usualmente tratamos este tema, no Brasil.

perspectivas consideradas dissidentes, especialmente a linha trotskista, mas também outras leituras igualmente díspares, entre as quais se podem colocar a posição de Mariátegui. E é nesta tonada que seus biógrafos analisam a recepção negativa de sua polêmica e vibrante tese, intitulada “*El problema de las razas*”, apresentada na Conferência Comunista, realizada em 1929, em Buenos Aires. Mas a precária relação entre o mundo latino americano e o Brasil antecedeu este processo, e tem sido atribuído distanciamento, já histórico, entre Brasil e demais países da região. A pouca repercussão da obra de Mariátegui no Brasil e também, a quase total ausência de referências deste ao Brasil é, realmente; incrível, ainda mais se pensamos na dimensão estética que marcou o projeto de Amauta e o que se passava no Brasil neste âmbito, na década de 1920, especialmente o movimento antropofágico e a Semana de Arte Moderna.<sup>7</sup> E sabemos que estas vanguardas tinham como traço comum o fato de expressarem formas criativas de reinterpretação nacionais das propostas européias do futurismo, surrealismo, dadaísmo, expressas no Brasil, de forma contundente, pela Semana de Arte Moderna (Bosi, 2007; Pericás, 2010).

Mariátegui somente será traduzido para o português, no Brasil, nos anos de 1975, a partir do esforço de Florestan Fernandes, que prefacia os *Sete Ensaios de interpretação da realidade peruana*, editado em São Paulo pela Alfa Omega, com o tradução de Salvador Obiol de Freitas e Caetano Lagrasta.<sup>8</sup> E é também Florestan coordena a coletânea de textos escolhidos, da qual fazem parte 28 textos, entre os quais “O problema das raças na América Latina”, “As reivindicações feministas” e “Nossa reivindicação primeira: liberdade de associação sindical”, organizados e prefaciados por Manoel Bellotto e Anna Maria Correa, editada em 1982.<sup>9</sup> Não é casual que justamente seja Florestan o divulgador de Mariátegui, pois acredito que ambos compartilhavam entre vários aspectos de suas obras e vidas, a preocupação em fazer análises que

---

7 As referências ao país restringem-se a uma menção à Margarida Lacerda de Moura, em uma entrevista concedida a Ângela Ramos publicada em Amauta, e uma enigmática referência a uma brasileira na novela *Sigfried y el professor Canella*.

8 MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios sobre a realidade peruana*. São Paulo, Ed. Alfa Ômega, 1975.

<sup>9</sup> *Os sete ensaios sobre a realidade peruana* foram re-editados em português, no Brasil, recentemente, em 2007, pela Editora do MST (Expressão Popular).

contribuíssem com a transformação social e com a invenção de um socialismo que não fosse “decalque nem cópia” de outras experiências.<sup>10</sup>

### **A consciência da americanidade**

*Só me senti americano na Europa. Pelos caminhos da Europa encontrei o país da América que deixara e no qual vivera quase como um estranho e ausente. A Europa me revelou até que ponto eu pertencia a um mundo primitivo e caótico e, ao mesmo tempo, me impôs, me esclareceu o dever de uma tarefa americana (Mariátegui)*

Após o seu emblemático “exílio” na Europa, cujo epicentro foi a Itália, considerada como chave na sua conversão ao marxismo (a um determinado tipo de marxismo), Mariátegui assumiu para si a tarefa de contribuir com a construção de um socialismo indo-americano, cujo amadurecimento levaria, todavia, alguns anos para ser manifestado. Ao retornar, em 1923, ao Peru, de imediato Mariátegui retoma com vigor a articulação com o movimento operário, adere ao projeto das Universidades populares, e sua interlocução com o indigenismo e articula sua militância política com o seu papel como periodista. Para além de contribuir com artigos de forma permanente em vários jornais, cuja multiplicação, à época era notável, Mariátegui chegou a dirigir *Claridad* órgão de divulgação oficial da APRA<sup>11</sup>, quando a ela esteve vinculado, Mariátegui criou e dirigiu a Revista *Amauta*, editada entre 1926 e 1930 e a Revista *labor* (editada entre 1926 e 1928, vinculada a CGTP<sup>12</sup>). Sua obra prima é *Os sete ensaios de interpretação sobre a realidade peruana* (doravante *Sete Ensaios*). Mariátegui assumiu o periodismo programático como uma das tarefas chave de sua militância, construindo a Libreria y Editorial Minerva, que editará, além de livros e obras, a revista *Amauta* e *Labor*. No início do século XX, floresceram experiências jornalísticas similares a que Mariátegui de certa constrói no Peru. O contato com as experiências européias, em especial as de *Clarté* e de *L'ordine Nuovo*,<sup>13</sup> certamente foram decisivos neste mister, e correspondem

---

10 RUBO, Deni Alfaro. Nosso irmão mais velho: Florestan, leitor de Mariátegui. *Lua Nova*, n 99, 2016.

11 Aliança Popular pela Revolução Americana.

12 Confederación General de Trabajadores del Perú.

13 O primeiro foi editado na França, entre 1919 e 1928, quando se transforma em um jornal declaradamente trotskista, *A Luta de Classes*, e era coordenado por Henri Barbusse, conhecido interlocutor de Mariátegui. O segundo foi a principal publicação que reuniu intelectuais do campo socialista e comunista, na década de 1920, no qual Gramsci atuou com destaque.

ao papel que a imprensa operaria vinha ocupando desde o início dos movimentos socialistas, já no século XIX, acrescida das invenções tecnológicas que permitiam a reprodução em massa de jornais, com uso crescente de ilustrações dos mais variados tipos. Mariátegui soube aproveitar o que havia de melhor desta tradição, dedicando boa parte de seu tempo nesta tarefa crucial de organização da cultura:

A construção daquilo que hoje se denomina mundo do trabalho e mundo da cultura se coloca para Mariátegui como uma condição preliminar para dinamizar as condições favoráveis ao desenvolvimento do processo revolucionário peruano - e neste sentido, sua vivência italiana, como a apreciação do ativismo de Gobetti e do experimento de *L'Ordine Nuovo*, foi-lhe extremamente instrutiva. Aquela aliança, no fundo a vinculação da vanguarda cultural com a vanguarda política, dependia de uma dupla organização - a organização destes dois pólos. A tarefa americana de Mariátegui vai efetivá-la (Escorsim, 2006:193)

Atribuindo a esta tarefa americana a qual Mariátegui se entregou de corpo e alma após seu regresso o termo *editorialismo programático*, Fernanda Beigel considera a revista *Amauta* (“*El eje conductor del proyecto político mariateguiano*”) uma das melhores expressões estéticas e políticas do vanguardismo peruano de sua época e “*un emprendimiento periodístico que resulta de un proyecto y de una praxis colectivos, como producto de una red editorialista, de las tertúlias; de las polémicas, del partido*” (Beigel, 2007:51). Para ela, a fusão estético-política inaugurou em *Amauta* uma instância nova, que não pode ser simplesmente classificada como vanguarda política ou como vanguarda estética, mas justamente, uma fusão entre estas dimensões. Porém, a autora avalia que a praxis editorialista de Mariátegui deve ser pensada no contexto de sua inscrição num território intelectual e político em ebulição, no Peru, em que explodem vanguardas culturais e artísticas juntamente com processos políticos revolucionários de grande alcance, sobre as quais a experiência de *Amauta* se assenta e expressa. Neste momento se observa uma verdadeira proliferação de revistas e jornais programáticos, entre os quais figura *Amauta*. entre 1923 e 1928, o número de revistas e diários na região andina teria duplicado, passando de 228 para 473 publicações (Beigel, 2007, p.21). Considero importante destacar que haveria duas fases, grosso modo, em sua trajetória: o período anterior ao giro na Europa, chamado por ele próprio de Idade da Pedra, e o período marxista, que se situa entre seu retorno à Lima, em 1923 até

sua morte, em abril de 1930).<sup>14</sup> Todavia, não obstante em vários aspectos uma ruptura neste percurso seja notável – para além de sua conversão ao marxismo – há certa continuidade em alguns aspectos de sua reflexão, entre as quais o entusiasmo com as principais lutas de sua época, entre eles o estudantil – Mariátegui apóia o Movimento de Córdoba de imediato, apoiando-se em suas consignas para criticar a estrutura acadêmica e escolar peruana, e a ela volta a se referir em vários textos, mais tarde -, o movimento operário (do qual participa inclusive através da criação da revista *Nuestra Época*, junto a líderes anarquistas) e, ainda, o indigenismo, que desde os finais do século XIX vinha tomando corpo no Peru, e que é o foco de nosso interesse neste trabalho. Neste período em que o editorialismo programático ocupa o espaço público, a militância política de muitos consistia no plano da escrita, da edição e da circulação de textos, sendo por isto, um dos principais alvos da repressão empreendidos pelo Estado. Com exceção do caso Norka Rouskaia<sup>15</sup> – todas as prisões e o próprio exílio de Mariátegui estão relacionados a esta dinâmica.

### **O problema indígena**

A maior parte do pensamento de Mariátegui se encontra expresso em seus artigos e revistas (inclusive editoriais) e em seus dois livros, *La escena contemporanea* e os *Sete Ensaíos*, considerada a obra mais importante, na qual seu autor apresenta uma análise concreta de uma realidade concreta, expressando um excelente uso do método marxista. Nesta análise da situação nacional peruana, extensiva em grande medida a outros países da América Latina, Mariátegui revela os limites do modelo institucional da república *demo-burguesa*, cujo advento teria agravado a condição de vida da maioria da população peruana.<sup>16</sup> No que tange ao problema indígena, há se considerar dois outros conjuntos de documento pelos quais Mariátegui expressou sua concepção sobre o tema,

---

14 Fernanda Beigel sustenta a idéia de que no período de sua maturidade haveria várias inflexões nesta classificação mais convencional; e que estas estariam situadas nos biênios 1918-1919 e, entre 1925 e 1926..

15 Em novembro de 1917, a bailarina suíça Norka Rouskaia, após exibição de espetáculo no teatro Colon, acompanha Mariátegui, César Falcon, colegas de *El Tiempo*, e outros, em uma espécie de experimento artístico, em um cemitério de Lima, e que resulta em prisões e um grande debate na cidade, envolvendo na questão religiosa (Stein, 1989)

16 Há ainda varias correspondências, publicadas por seus filhos bem recentemente, e livros organizados, por temas, por autores e familiares; posteriormente, como o caso de *Peruanicemos El Peru e O socialismo Indo-americano*.



e que, depois foi chamada de socialismo indo-americano: o projeto estético de Amauta, de um lado, e as duas Teses Políticas, enviadas ao I Congresso Comunista da América Latina.<sup>17</sup>

Mariátegui se refere ao Problema Indígena no segundo ensaio de sua obra-prima, indicando claramente sua ruptura com a forma corrente de pensar sobre o tema:

Todas as teses sobre o problema indígena, que ignoram os aludem a esse problema econômico social são outros tantos exercícios teóricos – e às vezes apenas verbais- condenados a um descrédito absoluto. Nem a boa fé de algumas as salvam. Praticamente só serviram para ocultar e desfigurar a realidade do problema. A crítica socialista o descobre e esclarece, porque busca suas causas na economia do país e não no seu mecanismo administrativo jurídico ou eclesiástico, nem em usa dualidade ou pluralidade de raças, nem em suas condições culturais ou morais. A questão indígena nasce de nossa economia,. Tem suas raízes no regime da terra. (Mariátegui, 2010,p. 23 [1928])

E, no capítulo posterior (*O Problema da Terra*), o autor recoloca a mesma proposição, em outros termos:

“ do ponto de vista socialista estudamos e definimos o problema do índio, começamos por declarar absolutamente superados os pontos de vista humanitários ou filantrópicos, nos quais, como um prolongamento da *batalha apostólica do padre de Las Casas* se apoiava a *antiga campanha pró-indígena*. Nosso primeiro esforço tende a estabelecer seu caráter de problema fundamentalmente econômico(Mariátegui, 2010: 67[1928])

Alguns autores como Aníbal Quijano e Chang- Rodríguez destacam que a publicação destes artigos nos *Sete ensaios*, foram fruto de um *processo de* amadurecimento de Mariátegui, construído na interlocução com indigenistas de seu país com os quais estabelecera, já antes de sua viagem a Europa, uma importante e crescente interlocução.

Se González Prada<sup>18</sup> fora uma autor da juventude, lembrado com frequência,<sup>19</sup> o diálogo teria se estabelecido sobretudo com os indigenistas ligados a Associação Pro Indígena, liderada por Dora Mayer de Zuelen, que escreveu vários artigos em Amauta. Junto a ela,

---

<sup>17</sup>“Também poderíamos citar como documento fundamental, no que tange a este tema, o livro “*Tempestad en Los Andes*” de Luis Valcarcel”, editada pela *Libreria Minerva* e prefaciada por Mariátegui, porem, como o prólogo é praticamente referido, em sua totalidade, na primeira nota de rodapé do capítulo intitulado “O problema do Índio”, nos “Sete ensaios”, não o arrolamos aqui.

<sup>18</sup> Autor de *Nuestros Índios*, Manoel González Prada foi um importante intelectual anarquista peruano, cujo nome foi adotado pelo projeto de Universidades Populares, levando a cabo pela APRA, na década de 1920, da qual Mariátegui também participou.

<sup>19</sup> Amauta publica artigos de González Prada.

há que destacar a relação com Valcárcel - e cujo ápice, em razão da morte precoce do primeiro, seria a publicação de *Tempestad en los Andes*.<sup>20</sup> Mas houve, também, muitas conversas com lideranças quéchuas e aymaras que visitavam Lima, em vários ocasiões, e que dialogam incessantemente com o autor sobre suas condições de vida em suas conhecidas tertúlias, na sua casa na *Calle Washigton Izquierda*, em Lima.

O indigenismo no Peru – como em vários outros países da América Latina – no início do século XX foi marcado por uma série de dimensões e propostas, grosso modo poderíamos dizer que havia um indigenismo estatal, que promovia a integração, via assimilacionismo, dos indígenas a sociedade “peruana”. De forma aproximada ao que foi vivenciado no Brasil, com a instalação do SPILTN, em 1901, depois SPI,<sup>21</sup> órgão indigenista oficial que tinha como propósito identificar as populações indígenas, pacificá-las, e integrá-las a sociedade envolvente<sup>22</sup>. No Peru era o próprio governo que a época promovia encontros de lideranças indígenas das várias populações, em Lima; motivo pelo qual Mariátegui, não obstante não tenha jamais conhecido nenhuma comunidade indígena ou ayllu, pelo menos em sua vida adulta, tenha tido este contato tão próximo com estas lideranças. Ele se refere a estes encontros, muitos dos quais centrados na temática da educação e também na possibilidade de comunicação entre os povos outrora separados por grandes distâncias, em especial os *pueblos* que viviam nos Andes, maioria da população indígena de sua época.

Mas havia outro indigenismo, aquele representado pela Associação Pro indígena, de Dora Mayer e Pedro Zulen, que lutavam pela valorização da cultura indígena, respeito a autonomia dos sujeitos indígenas e inserção da questão em uma perspectiva anti-

---

<sup>20</sup> Doutor em direito e letras, Valcárcel, teve uma importância crucial no processo de redescoberta da Cultura e da História Incaica, que se dá ao longo do século XX, sendo responsável por vários anos pelas cátedras de etnologia e história inca, por diversas pesquisas arqueológicas e históricas fundamentais para a reconstituição da história pré-colombiana, que resultaram em museus e coleções, como o Museu arqueológico da Universidade de Cuzco e escreveu obras fundamentais para a compreensão da descoberta das ruínas de Machu Pichu, que já a época de Mariátegui estava sendo, pouco a pouco relatadas por camponeses da região do Urubamba. Escreveu em 1964, o livro *Machu Pichu*, onde apresenta sua interpretação das ruínas do centro político religioso do Império Inca, além de inúmeras obras científicas e literárias, das quais *Tempestad* é apenas uma das primeiras (Valcarcel, 2009).

<sup>21</sup> O Serviço de Proteção ao Índio e de Localização dos Trabalhadores Nacionais foi criado logo nos primeiros anos da república (SPILTN) e foi extinto em 1967, quando se transformou em FUNAI, órgão indigenista estatal atualmente em funcionamento, no Brasil. Infelizmente, aqui não teremos tempo de desenvolver este tema, que revela muitas similaridades com a realidade peruana.

<sup>22</sup>

imperialista, pontos que farão parte das consignas de Mariátegui sobre o tema.<sup>23</sup> Vejamos o que ela diz no primeiro numero de Amauta, publicado em setembro de 1926: *”Ya era tiempo que la raza misma tomara em manos su propia defensa, porque jamás será salvado el que fuese incapaz de actuar en persona en su salvacion. (...) Dése al pueblo indigena la llave del adelanto, la garantia de una recta administracion, y El mismo abrirá la puerta que conduce a su porvenir prospero y hermoso”*.<sup>24</sup> Antes de sistematizar as ideias sobre o problema do índio (e o projeto de *peruanizar* o Peru) – Mariátegui nutriu-se, na minha compreensão, de muitas conversas com indígenas, indigenistas e militantes socialistas- Mariátegui publicou nas páginas de Amauta vários artigos sobre este tema, entre os quais os de Valcárcel, que divergiam em vários aspectos dos postulados da Pró-Indígena; na sua política de promover o debate de ideias daquele que se situavam na mesma perspectiva ideologica, ainda que de forma não ortodoxa. Segundo Melís (1999), a publicação de idéias divergentes entre si, uma marca de Amauta como um todo, esteve desde o primeiro número *involucrada* com intenso debate sobre a temática indígena, que envolveu não apenas perspectivas como a de Valcárcel, naquele momento, que de certa forma , aponta para uma visão messiânica do renascimento indígena, como também artigos, comentários e ilustrações centrada nos indígenas contemporâneos, de carne e osso, e não idealizados, suas produções rituais e artísticas, como por exemplo, o artigo de Uriel Garcia, sobre a musica incaica, publicado no numero 2 de Amauta, ou a análise de Maria Isabel Sanchez Concha de Padilla, sobre a festa do sol, publicado no terceiro numero de Amauta, ainda em 1926;, ou ainda; obras comentadas de Júlia Codesido, que também é autora da capa do numero 13, de março de 1928, ou obras de Teresa Carvallo e de Ricardo Flores, nos números 13 e 15 deste mesmo (no qual foi publicado Sete Ensaio). A presença de ilustrações é um aspecto que merece atenção, e encontra forte correspondência com outras experiências do periodismo programático da época que inspiram Mariátegui. A presença da famosa caricatura de um líder quéchua (El Amauta), produzida por José Sabogal já no primeiro número, será mantida junto aos editoriais de Amauta, assim como as reproduções de obras artísticas sobre a realidade indígena, como na maioria das capas de seus 32 números. São muitas as ilustrações de diferentes naturezas(fotos de esculturas e de

---

<sup>23</sup> Sobre o indigenismo prono e brasileiro dos inicio do século XX, tenho pouco ainda a apresentar, pois estou iniciando pesquisa específica sobre o tema.

<sup>24</sup> ZULEN, Dora Mayer. Lo que ha significado la Pro-Indígena. Amauta n 1, sep; 1926, 20 p.

pinturas, litogravuras, caricaturas) e que expressam o movimento indigenista nas artes,<sup>25</sup> dos inícios do século no Peru, e que teve se relaciona a outras experiências do continente, em especial a mexicana. A revista dedicou cerca de 40% de seus artigos centrados em temas artísticos, como coloca Melís:

Este panorama artístico no se detiene en las fronteras peruanas, sino que considera un horizonte latino americano, y, desde luego; dedica una atención particular a la gran experiencia de la pintura mexicana, con reproducciones de obras, comentarios y hasta artículos de amplia extensión”, entre los cuales, señala el autor, la reproducción de las obras arquitectónicas del Perú colonial; acompañadas de didascalias que subrayan la fusión de elementos españoles e indígenas, en una palabra, en carácter mestizo de estas obras<sup>26</sup>

Acredito que o espaço conferido aos indigenistas nutriu-se desta perspectiva. A publicação de poemas, resenhas de obras literárias e ensaios sobre a mesma temática foi uma constante na revista, expressando a vitalidade do indigenismo em vários âmbitos da vida peruana. Dora Mayer de Zulen, por exemplo, publicou cerca de 10 artigos, sendo o primeiro deles intitulado *Lo que ha significado la Pró-Indígena, já no primeiro numero de Amauta*<sup>27</sup>. E, como coloca Fernanda Beigel, o vanguardismo de Amauta se expressava a na articulação entre vanguardismo político e vanguardismo artístico. Esta marca esteve presente na cuidadosa escolha do nome e das capas da revista, bem como de varias imagens e ilustrações que se distribuíram ao longo dos números da publicação. A importância de José Sabogal, outro interlocutor marcante se consolida em Amauta, juntamente com o conjunto da obra produzida nos quatro últimos anos da vida de Mariátegui, na qual a questão indígena se torna central.

Alimonda(2009) chama atenção para este processo intenso, no qual Mariátegui teria, finalmente, elaborado a tese de que “o problema do índio é o problema da terra”.<sup>28</sup> Para este auto, este e o momento que consistiria *num giro-descolonial*. Já outros autores, percebendo o mesmo processo, tendem a ver neste momento – que esta imediatamente ligado a apresentação das teses na Conferência de Buenos Aires, antes citada, o coroamento, um dos aspectos que expressa e sintetiza a apropriação original que faz da

---

<sup>26</sup> MELIS, Alberto; Leyendo Mariátegui. Biblioteca Amauta, Lima, 1999:73

<sup>27</sup> A presença de mulheres nas paginas de Amauta e outro ponto que merece destaque, sobre o qual não falamos neste artigo, mas que foi alvo de estudos importantes, como os de Sarah Beatriz Guarda (2016)

<sup>28</sup> ALIMONDA, Hector. *Una ecología política em la revista Amauta?* Notas para una arqueología Del ecologismo socialista latino americano. Serie estudios e ensaios Brasil, FLACSO, junho de 2009, 24p.

teoria marxista universal e/ou “européia”, usada criativamente como instrumental para pensar uma situação social e histórica específica e concreta: a latinoamericana, elaborada teoricamente a partir da práxis política e cotidiana dos sujeitos.<sup>29</sup>

A I Conferência Comunista latino americana ocorreu em Buenos Aires, em junho de 1929. Mariátegui planejava participar e apresentar pessoalmente a tese *El problema de las razas en America Latina*, e *Punto de vista anti-imperialista*. bem como aproveitar a viagem para verificar outras possibilidades de tratamento de sua saúde, a partir do contato com camaradas argentinos; Também pretendia encontrar peruanos que haviam se exilado no Chile e outros países, em razão do governo, que não cessava de perseguir ativistas e reprimir ações do campo socialista; Todavia, devido ao seu estado de saúde, esta viagem não ocorreu. Mas suas teses foram lidas e debatidas no Congresso de Buenos Aires, através de companheiros com os quais compartilhava a gestação das Teses e o projeto de criar um Partido Socialista, com maior independência ao modelo e a estratégia da III Internacional. As teses apoiavam-se no trabalho de interlocução com indigenistas, já presentes em *Sete Ensaios*, de um lado, e com *apristas*, de outro, e tratavam da possibilidade de construir uma revolução socialista na America latina, sem articular-se com uma suposta burguesia nacional, cujos limites, segundo Mariátegui, eram intrínsecos a sua condição de subordinação aos grandes centros do capitalismo. Além de contrariar as teses de colaboração com governos desta natureza, defendida pelo PCUS e III Internacional, Mariátegui pretendia com a tese expandir a constatações, feitas especialmente em *Sete Ensaios*, para outros países da região que se assemelhavam ao Peru, como a Bolívia. Todos contavam com uma população majoritariamente indígena, em pleno século XX e mesmo após o genocídio inaugurado pela Conquista; Além de dados demográficos colhidos pelo Censo realizado no final do século XIX, e que se referia a população indígena<sup>30</sup>, comprovando esta realidade que era visível e no cotidiano, representada pelos artistas, e que mantinha sua cultura, ainda que em condições adversas. Infelizmente, as teses não foram bem recebidas, pelo contrario, foram alvo de acusações e, depois, ostracismo. Foram recuperadas, como colocado

---

29 Cf. LÖWY, Michael. Op. cit. (1999) e E BELOTTO, Manoel e CORREA, Anna Maria. Mariátegui: gênese de um pensamento latino americano. (Introdução) *Mariátegui*. São Paulo: Ática, Coleção Grandes cientistas sociais, 1982.

<sup>30</sup> Em varias ocasiões, Mariátegui refere-se a este dados, ainda que de forma genérica (os três quartos ou os quatro quintos da população peruana, etc.) e é provável que estivesse se referindo ao censo realizado no final do século XIX no país, e que expressa, por si só., a preocupação com o elemento indígena.

antes, somente na década de 60, todavia, não se *quedaram*, na nossa visão, ultrapassadas.

A colocação de que o problema étnico não é o decisivo, mas sim, a questão do regime de propriedade da terra nos parece de grande atualidade. Na nossa interpretação, o preconceito étnico existe, mas ele não é compartilhado por todos nem é o mais decisivo, embora possa ser acionado, em contextos específicos, sempre ligados aos interesses capitalistas, como vimos em pesquisa sobre este tema.<sup>31</sup> A emancipação indígena não pode ocorrer nos marcos de uma sociedade assentada na propriedade privada, e, na nossa visão, nem mesmo o respeito ao artigo 231 da atual Constituição brasileira pode ser, de fato, implementado, já que incide sobre a proposta de direitos territoriais, envolvendo, portanto, uma das mercadorias de maior valor no Brasil, hoje. Além disto, a aceção indígena de território abrange um conjunto amplo de seres e de recursos, também privatizados em uma economia capitalista. Além disto, a possibilidade de recuperar os elementos comunitários ainda presentes em muitos grupos, bem como sua relação “mística” ou religiosa com a terra – e seus recursos – podem ser alguns pontos-chaves neste debate, como, a propósito, Mariátegui percebera, a seu tempo. Todavia, este debate precisa ser travado com os indígenas:

Só o movimento classista das massas indígenas poderá lhes permitir dar um real sentido a sua libertação de sua raça da exploração, favorecendo as possibilidades de sua autodeterminação política. (Mariátegui apud LÖWY, 1999, p

E certo que tais idéias não devem ser usadas de forma dogmática, nem descolado de inúmeros processos recentes que envolveram as populações indígenas, nem tampouco os estudos de colegas antropólogos, dedicados a compreender em profundidade as cosmologias tão diversas e heterogêneas dos povos que têm resistido, à sua maneira, ao avanço do capital, em nosso continente. Mas é preciso, na nossa perspectiva, retirar a “questão indígena” de visões ingênuas, que não questionam ao papel forçosamente *anti-indígena*<sup>32</sup> do Estado brasileiro, que tem sido visto como capaz de pro fim a séculos de opressão apenas por contar com alguns setores e alguns artigos que reconhecem os direitos indígenas; No momento em que o estado revela sua verdadeira natureza e

---

<sup>31</sup> TORNQUIST, Carmen e Wassmansdorf, Marina Lis. Inimigos do Progresso: populações indígenas e projetos de desenvolvimento na América do sul; UDESC, 2012, mimeo

<sup>32</sup> Expressão usada pelo movimento indígena, hoje.

preciso ultrapassar esta perspectiva legalista que parece ter chegado ao seu fim. “*El marxismo no es un itinerario sino una brújula en el viaje*”. Mariátegui usou esta metáfora, em 1929, para falar do papel do marxismo. Podemos usá-la para pensar, hoje, para pensar no próprio Mariátegui como bússola a nos orientar.

## Referências

ALIMONDA, Hector. *Una ecología política en la revista Amauta?* Notas para una arqueología del ecologismo socialista latino americano. FLACSO, junho de 2009.

BELOTTO, Manoel e CORREA, Anna Maria. Mariátegui: gênese de um pensamento latino americano. (Introdução) *Mariátegui*. São Paulo: Ática, Coleção Grandes cientistas sociais, 1982.

BOSI, Alfredo. A vanguarda enraizada: o marxismo vivo de Mariátegui. *Estudios Avanzados*; vol.4(8), 2007.

BEIGEL, Fernanda. *El itinerario y la brújula*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003.

ESCORSIM, Leila. *Mariátegui: Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FERREYRA, Silvana. *La Libertad del dogma.: un análisis del proyecto mariateguiano a la luz de sus vínculos con la Internacional Comunista(1926-1930)*. Lima, Librería Editorial Minerva, 2011.

GUARDIA, Sara Beatriz. Jose Carlos Mariátegui: Una Visión de Género, Lima, 2016.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1999.

\_\_\_\_\_ e SAYRE, Robert. *Romantismo e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MARIÁTEGUI, Jose Carlos. *Sete ensaios de Interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MELIS, Alberto. *Leyendo Mariátegui*. Biblioteca Amauta, Lima, 1999.

PERICÁS, Luis. Mariátegui e o Brasil. *Estudios Avanzados* 24(68), 2010, p.335-362.

RUBO, Deni Alfaro. Nosso irmão mais velho: Florestan, leitor de Mariátegui. *Lua Nova*, n 99, 2016.

STEIN, William. *Mariátegui y Norka Rouskaya*. Lima, Biblioteca Amauta, 1989.

TORNQUIST, Carmen Susana e WASSMANSDORF, Marina Lis. *Inimigos do Progresso: populações indígenas e projetos de desenvolvimento na América do sul*; UDESC, 2012, mimeo.

VALCÁRCEL, Luis E. *Machu Picchu*. Fondo de Cultura Económico; Lima, 2009.